

JESUS, SANTUÁRIO DE DEUS PARA O HOMEM

Esta XXX Semana Bíblica Nacional tem como pano de fundo o tema genérico «O SANTUÁRIO, ESPAÇO DE EVANGELIZAÇÃO». Dentro desse horizonte, o dia de hoje é presidido pelo grande texto do Evangelho de João «E O VERBO FEZ-SE CARNE (*Kai ho lógos sàrx egéneto*) E HABITOU (*eskênôsen*: aor. de *skênôô / shakan*) ENTRE NÓS (*en hêmîn*), e nós VIMOS (*etheasámetha*: aor. de *theáomai*) a sua GLÓRIA (*tên dóxan autoû*)» (Jo 1,14), que todos os comentaristas lêem no seguimento-cumprimento da comunicação de Deus a Moisés no Sinai: «Farão para mim um SANTUÁRIO (*miqdash*) e EU HABITAREI (*shakan*) no MEIO DELES (*b^etôkam*)» (Ex 25,8), e do discurso da Sabedoria: «Aquele que me criou fez repousar a minha HABITAÇÃO (*tèn skênên mou*), / e disse: “em Jacob instala a tua HABITAÇÃO (*kataskênôô*)”» (Ecli 24,8)¹.

É neste trânsito bíblico, orientado para o terminal da grande praça joanina, que insiro a comunicação que me foi pedida, e que tem por título «JESUS, SANTUÁRIO DE DEUS PARA O HOMEM». Basta pôr lado a lado os títulos acabados de referir, e que parecem colidir uns com os outros: «SANTUÁRIO, ESPAÇO DE EVANGELIZAÇÃO», e «JESUS, SANTUÁRIO DE DEUS PARA O HOMEM», Santuário-espaco e Santuário-pessoa, para se concluir que não é fácil circular no meio deste trânsito.

I. Do SANTUÁRIO-ESPAÇO para o SANTUÁRIO-PESSOA

O tema que me é pedido situa-se no estuário do trânsito bíblico e coloca diante de nós JESUS COMO O SANTUÁRIO, portanto, o Santuário-pessoa. Analisarei, neste âmbito, sobretudo dois textos joaninos significativos: Jo 2,13-22 e Jo 4,19-24. Textos de Lucas, Marcos, Isaías, Amós e outros serão também objecto de estudo, ou, por vezes, somente de uma simples evocação. No

¹ M.-J. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Jean*, Paris, Gabalda, 1948, p. 21; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según san Juan. Versión y comentario*, I, Barcelona, Herder, 1980, p. 285; X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. I (Jn 1-4)*, Salamanca, Sígueme, 2.^a ed., 1993, p. 93-94; G. ZEVINI, *Commentaire spirituel de l'Évangile de Jean*, I, Paris – Monte Real, Médiaspaul, 1995, p. 32; F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, Collegeville, The Liturgical Press, 1998, p. 39.

final, intentarei formular alguns desafios que a temática nova do JESUS-SANTUÁRIO lança à temática do SANTUÁRIO-ESPAÇO.

Antes mesmo de entrar pelos textos referidos, lembro aqui que, na versão massorética (TM), o Salmo 150 abre com «Alleluia! Louvai Deus no seu Santuário (*b^e qodshô*)» (Sl 150,1), a que a tradução grega (LXX), seguida pela Vulgata (Vg), aporta uma notável actualização: «Alleluia! Louvai Deus nos seus santos (*en toîs hagíois autoû / in sanctis eius*)»². Trânsito do SANTUÁRIO-ESPAÇO para o SANTUÁRIO-PESSOA.

1.1. Jo 2,13-22 ou o novo SANTUÁRIO que é JESUS

Escutemos atentamente o texto de Jo 2,13-22:

«2,¹³ E estava próxima a Páscoa dos judeus, e JESUS subiu a Jerusalém.

¹⁴E ENCONTROU (*heûren*: aor² de *heurískô*) no TEMPLO (*hierón*) os vendedores (*pôloûntas*: part. de *pôléô*) de bois e ovelhas e pombas, e os cambistas sentados. ¹⁵E, tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do TEMPLO (*hierón*), as ovelhas e os bois, bem como os cambistas, espalhou as moedas, derrubou as mesas, ¹⁶e disse aos que vendiam as pombas: “Tirai isto daqui! Não façais da CASA DO MEU PAI (*oîkos toû patrós mou*) CASA de COMÉRCIO (*oîkos emporíou*)”.

¹⁷Recordaram-se os discípulos d’ELE que está escrito: “O zelo da tua CASA (*toû oîkou sou*) me devorará”.

¹⁸Responderam então os judeus e disseram-LHE: “Que sinal nos mostras de que podes fazer estas coisas?”

¹⁹Respondeu JESUS e disse-lhes: “Destruí este SANTUÁRIO (*naós*), e em três dias o levantarei (*egeíró*)”.

²⁰Disseram então os judeus: “Em quarenta e seis anos foi edificado este SANTUÁRIO (*naós*), e tu em três dias o levantarás (*egeíró*)?”

²¹Isto, porém, dizia do SANTUÁRIO do seu corpo (*toû naoû toû sômatos autoû*).

²²Quando, pois, foi ressuscitado dos mortos (*êgérthê*), recordaram-se os discípulos d’ELE que tinha dito isto, e acreditaram na Escritura e na palavra que JESUS tinha dito» (Jo 2,13-22).

² A. COUTO, *A riqueza vital da oração a partir dos Salmos. O sabor da liturgia das horas*, in *Igreja e Missão*, 197, 2004, p. 237-238

Algumas observações:

1) O episódio aparece situado e datado. O lugar é Jerusalém e o seu Templo. O tempo é a Festa da Páscoa. Ora, uma FESTA é, na tradição bíblica, um ENCONTRO marcado (*mô'ed*), plural *mô'adim*, de *ya'ad* [= marcar um encontro]. Um ENCONTRO marcado com Deus e com os outros³. Sendo um ENCONTRO marcado com Deus e com os outros, então é sempre um espaço de alegria, de filialidade e de fraternidade. E se a FESTA é de peregrinação, como é a PÁSCOA, aqui referida [as outras duas são as SEMANAS ou PENTECOSTES e as TENDAS], então a alegria, a filialidade e a fraternidade são ainda mais intensas, dado que FESTA de peregrinação se diz, na língua hebraica, *hag*, plural *hagim*. E o nome *hag* remete para o verbo *hag* [= dançar]⁴ e derivam de *hûg*, que significa círculo, e, portanto, família, lareira, encontro, alegria, música, roda, dança, vida⁵.

ENCONTRO marcado com Deus, espaço de alegria, filialidade, fraternidade.

2) ENCONTRO, filialidade, fraternidade: marcas acentuadas por JESUS que, em vez de Templo de pedra (*hierón*), diz CASA (*oikos*) – com particular afecto, CASA DO MEU PAI⁶ –, sendo a CASA paterna o lugar do ENCONTRO e da intimidade, e não das coisas, da superficialidade, da banalidade, do consumismo, do mercado. Nos paralelos de Mateus, Marcos e Lucas, citando Is 56,7, JESUS fala do Templo usando a expressão forte «A MINHA CASA» (*ho oikós mou*) (Mt 21,13; Mc 11,17; Lc 19,46).

É neste sentido que o Livro dos Actos nos mostra a comunidade-mãe de Jerusalém a frequentar assiduamente o Templo, salientando, no entanto, que a sua maneira de prestar culto a Deus acontecia nas CASAS. Do Templo para as CASAS (Act 2,46). Não se trata de uma simples mudança de lugar, mas de uma diferente concepção do espaço: não se trata de um espaço local, mas

³ G. DEIANA, *Levitico. Nuova versione, introduzione e commento*, Milão, Paoline, 2005, p. 244-245 e 254; J. ELIAS, *The Haggadah. Passover Haggadah / with translation and a new commentary based on Talmudic, Midrashic, and Rabbinic Sources*, Nova Iorque, Mesorah Publications, 3.^a ed., 1980, p. 58.

⁴ G. RAVASI, D. M. TUROLDO, *Il canto della rana. Musica e teologia nella Bibbia*, Casale Monferrato, Piemme, 2003, p. 116.

⁵ J. ELIAS, *The Haggadah*, p. 58.

⁶ F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 77.

relacional. O novo espaço cultural é a comunidade que vive fraternalmente. A extensão deste espaço chama-se comunhão⁷.

3) Sintomático é que, postos estes pressupostos, o texto refira, não que JESUS ENCONTROU filhos e irmãos, mas que ENCONTROU vendedores e comerciantes, contra a profecia de Zc 14,21, que refere que «Não haverá mais vendedor na CASA de YHWH dos exércitos naquele dia». «A CASA DO MEU PAI», «A MINHA CASA», e o MERCADO são lugares incompatíveis. São maneiras diferentes de ocupar o espaço.

Encaixa aqui à maravilha a crítica de Amós, num dos seus mais refinados ataques contra o vazio religioso de Israel. Diz Amós:

«^{2,7}Um homem e o seu pai vão à (*halak 'el*) JOVEM (*na^arah*), de modo a profanar (*l^ema'an hallel*) o meu NOME SANTO» (Am 2,7).

O sintagma «vão à jovem» tem sido normalmente compreendido como indicação de relações sexuais. Nesse sentido, há quem veja neste sintagma uma alusão ao incesto, condenado em Lv 20,11-12, ou ainda o abuso cometido contra uma jovem escrava reduzida à função de prostituta doméstica (cf. Ex 20,7-11)⁸. Todavia, o verbo *halak* construído com a preposição *'el* nunca é utilizado para falar de relações sexuais, e é empregado muitas vezes para indicar uma PEREGRINAÇÃO (cf. Gn 22,3.5.6.8; Ex 3,18; 5,3; 8,23; Dt 26,2; 1 Rs 2,3.5; Is 2,3.5; Jr 3,6; Qo 4,17)⁹. Por outro lado, na bíblia hebraica, o termo *na^arah* designa habitualmente uma jovem, e não uma prostituta (*zônah*), nem uma prostituta sagrada (*q^edeshah*).

Talvez tenhamos aqui uma indicação irónica: um homem e o seu pai, em vez de irem ao Templo para rezar a DEUS, vão ver a JOVEM, como sucede ainda hoje nas igrejas! Então, o que leva ao Templo já não é DEUS, mas a JOVEM! Perversão, não tanto sexual, mas cultural, total,

⁷ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, in S. A. PANIMOLLE (ed.), *Culto Divino-Liturgia*, Vol. 12 do *Dizionario di Spiritualità biblico-patristica. I grandi temi della S. Scrittura per la «Lectio Divina»*, Roma, Borla, 1996, p. 104-105; A. CASALEGNO, *Gesù e il tempio. Studio redazionale di Luca-Atti*, Brescia, Morcelliana, 1984, p. 206.

⁸ G. RAVASI, *I Profeti*, Milão, Ancora, 4.^a ed., 1998, p. 44.

⁹ P. BOVATI, R. MEYNET, *Le Livre du prophète Amos*, Paris, Cerf, 1994, p. 77, e nota 15.

perversão de sentido¹⁰. Não admira que, neste contexto, apareça Deus a dizer que o seu NOME SANTO é profanado (*hillel*).

4) No texto que estamos a analisar, o Templo é dito com três vocábulos diferentes – *hierón*, *oíkos* e *naós* – com significações diferentes: edifício de pedra, casa familiar, santuário (ou lugar da presença de Deus).

5) Quando, num dos típicos «mal-entendidos» do IV Evangelho, JESUS diz: «Destruí este SANTUÁRIO (*naós*), e em três dias o levantarei (*egeíró*)» (v. 19), os judeus não conseguem distinguir entre o *naós* pessoal que JESUS levantará em três dias e o *hierón* feito de pedra que demorou 46 anos a construir (v. 20)¹¹. Em claro contraponto, o narrador explica bem, num genitivo epexeético¹², que JESUS «dizia isto do SANTUÁRIO do seu corpo» (*toû naoû toû sômatos autoû*) (v. 21). Entenda-se: do SANTUÁRIO que é o seu corpo. Com esta explicação do narrador, fica claro que é JESUS o «lugar» da adoração de Deus, a verdadeira «Casa de Deus» (cf. Jo 1,51)¹³, o SANTUÁRIO de Deus, como diz o título desta comunicação.

A anotação do narrador, no v. 22, faz-nos ver ainda que foi também assim que entenderam os discípulos a partir da Ressurreição de Jesus. Lição para os leitores: num tempo em que já não há Templo em Jerusalém, os leitores crentes do IV Evangelho experimentam a PRESENÇA de JESUS Ressuscitado como o seu verdadeiro «Templo»¹⁴.

Marcos, no seu estilo intenso e conciso, acentua muito bem esta novidade. A narrativa da Paixão e Morte de JESUS a que nos faz assistir nos Capítulos 14 e 15 impõe-se pela sua grandeza (119 vv. sobre um total de 677 vv.), quase um quinto do Evangelho, para cobrir um período de

¹⁰ Ver a fina análise de P. BOVATI, R. MEYNET, *Le Livre du prophète Amos*, p. 77.89-90.

¹¹ F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 78 e 82.

¹² F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 82; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según san Juan*, p. 403.

¹³ R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según san Juan*, p. 403.

¹⁴ F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 79.

apenas 24 horas¹⁵. Frequentando atentamente a narrativa, impõe-se cada vez mais que os principais momentos deste processo correm ao ritmo das principais horas da liturgia no Templo: terça, sexta e nona. É como se o narrador nos quisesse dizer que a verdadeira liturgia se cumpre agora no Calvário, num lugar público, e já não no recinto sagrado do Templo¹⁶.

Mas há dois momentos no relato da Paixão que Marcos ainda quer salientar. O primeiro acontece durante a acusação levada a cabo pelas testemunhas. Vale a pena ler três versículos do seu texto:

«14,⁵⁶ Muitos, na verdade, testemunhavam falso contra Ele, e os testemunhos não eram concordes. ⁵⁷E alguns, levantando-se, testemunhavam falso contra Ele, dizendo: ⁵⁸“Nós ouvimo-lo dizer: ‘Eu destruirei este SANTUÁRIO (*naós*), feito por mãos humanas (*cheiropoiêton*), e em três dias edificarei outro (*állon*), não feito por mãos humanas (*cheiropoiêton*)’”» (Mc 14,56-58).

Fica claro que Marcos sublinha que a acusação era falsa. Mas o modo como ela é formulada mostra as intenções do narrador que aproveita a acusação para dizer o que ele verdadeiramente pensa. E aqui é que reside a novidade. O Templo que será destruído é qualificado como «feito por mãos humanas», uma expressão que a polémica judaica reservava para os ídolos «vazios». E o Templo que será edificado por JESUS é dito «outro» (*állos*), expressão que diz diversidade de número, e não apenas de qualidade¹⁷. Trata-se, não de uma simples purificação ou renovação, mas de uma verdadeira substituição com a explosão do espaço sagrado. Já atrás mostrámos o procedimento certo de acertar os momentos fortes da Paixão de Jesus pelas horas da liturgia do Templo. O verdadeiro culto saía assim do estreito e estrito recinto do Templo para um lugar público, o Calvário. Esta abertura de espírito e largueza de vistas é um específico de Marcos:

¹⁵ Começa pelas 15h00 de 14 de Nisan (5.ª feira) com a preparação da ceia (14,12), pelas 18h00 dá-se início à ceia (6.ª feira, 15 de Nisan), pelas 21h00 estão no Getsemani (14,26), pelas 24h00 tem lugar a prisão de Jesus (14,43), pelas 03h00 a terceira negação de Pedro (14,70-72), pelas 06h00 tem lugar o processo diante de Pilatos (15,1), pelas 09h00 a crucifixão (15,25: 3.ª hora), pelas 12h00 as trevas cobrem a terra (15,33: 6.ª hora), pelas 15h00 dá-se a morte de Jesus (15,34: 9.ª hora), pelas 18h00 a sepultura (15,42). O quadro cronológico aqui apresentado pode ver-se em E. R. MARTINEZ, *La sequela di Gesù Cristo nel Vangelo secondo Marco*, Roma, Pontificia Università Gregoriana, 2.ª ed., 2000, p. 107.

¹⁶ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, p. 103.

¹⁷ G. BIGUZZI, *Io distruggerò questo tempio. Il tempio e il giudaismo nel vangelo di Marco*, Roma, Urbaniana University Press, 1987, p. 123.

na verdade, no chamado relato da «purificação» do Templo, Marcos faz explodir o Templo, alargando o espaço da presença de Deus a todos os povos. Ele é o único que prolonga a citação de Is 56,7 até à expressão «para todos os povos»: «A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos» (Mc 11,17)¹⁸.

E a concluir este relato da paixão e morte de Jesus, Marcos anota ainda, tal como Mateus e Lucas, um aspecto de grande valor simbólico:

«15,³⁸ E o véu do Santuário (*naós*) foi dividido (*eschístê*: aor. pass. de *schízô*) em dois, de alto (*ánôthen*) a baixo» (Mc 15,38).

O verbo está na forma passiva, e, portanto, é Deus o sujeito da acção¹⁹, que assim se põe do lado de Jesus contra os que passam fazendo troça. Véu rasgado pelas mãos de Deus. Jesus tinha razão: com a sua morte, o Templo terminou e abre-se uma nova perspectiva. Lê-se no Livro do Êxodo que, «Para o lado de dentro do véu farás entrar a Arca do Testemunho; o véu servirá de separação entre o lugar santo e o Santo dos Santos» (Ex 26,33). Na realidade, o véu delimitava / separava a zona mais reservada e sagrada do Templo (o Santo dos Santos), impedida a toda a gente, com excepção do sumo sacerdote. Mas, com a cruz, cai toda a delimitação²⁰. Segundo a Carta aos Hebreus, «no interior do véu, como nosso precursor, entrou Jesus» (Hb 6,19-20). E lê-se na Carta aos Efésios, que Jesus reuniu os de longe e os de perto, pois, com a sua Cruz, derrubou o muro divisório, abrindo a uns e a outros o acesso ao Pai, fazendo-nos familiares de Deus (Ef 2,13-19). O Templo já não é, assim, lugar de separação, mas de universalidade²¹.

1.2. Jo 4,19-24 ou a verdadeira adoração como orientação da vida para o PAI

Importa uma vez mais começar por ler o texto com atenção:

¹⁸ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, p. 103.

¹⁹ K. STOCK, *Marco. Commento contestuale al secondo Vangelo*, Roma, Edizioni ADP, 1.ª reimpressão da primeira ed. (2003), 2006, p. 343.

²⁰ B. WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark. A Socio-Rhetorical Commentary*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2001, p. 400.

²¹ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, p. 103-104; B. MAGGIONI, *I racconti evangelici della Passione*, Assis, Cittadella, 2.ª ed., 1995, p. 277-278.

«4,¹⁹Disse-lhe a *MULHER*: “Senhor (*kýrie*), VEJO (*theôréô*) que tu és um Profeta.²⁰Os nossos pais ADORARAM (*prosekýnêsan*: aor. de *proskynêô*) neste monte (*en tô orei toútô*), mas vós dizeis que é em Jerusalém (*en Hierosolýmois*) O LUGAR (*ho tópos*) onde é preciso ADORAR (*proskyneîn deî*)”.

²¹Disse-lhe **JESUS**: “Acredita em mim (*písteué moi*), *MULHER*, porque vem a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém ADORAREIS (*proskynêsete*) o **PAI**.²²Vós ADORAIS (*proskyneíte*) o que não conheceis; nós ADORAMOS (*proskynoûmen*) o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.²³Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros ADORADORES (*proskynêtai*) ADORARÃO (*proskynêsousin*) o **PAI** em Espírito e Verdade (*en pneúmati kai alêtheía*), pois são esses os ADORANTES (*proskynoûntas*) que o **PAI** PROCURA (*zêteî*).²⁴Deus é Espírito, e os ADORANTES (*proskynoûntas*) d’Ele é preciso (*deî*) que o ADOREM (*proskyneîn*) em Espírito e Verdade”» (Jo 4,19-24).

Algumas observações:

1) Entra pelos olhos e pelos ouvidos. Estamos perante o lugar bíblico que oferece mais vezes a locução «ADORAR» por metro quadrado.

2) É porque começa a «ver» em Jesus um Profeta, e «como profeta, ele deve saber»²², que a mulher da Samaria traz para o diálogo a velha controvérsia que opunha Samaritanos e Judeus acerca do verdadeiro lugar (*tópos*) da adoração (*proskýnêsis*): este monte (Garizim) ou Jerusalém (Jo 4,20). Discussão antiga.

3) Solução nova trazida por Jesus, que ultrapassa qualquer lugar exterior pela intimidade pessoal. É o PAI que é preciso adorar (*proskynêô*). Adorar (*proskynêô* que, em 164 sobre 171 vezes, traduz o hebraico *hishtah^awah*, forma hitpael de *shahah*)²³ o PAI significa orientar a vida toda para o PAI. *Proskynêô*, como *hishtah^awah*, significa beijar, prostrar-se, ajoelhar-se, inclinar-se, querendo sempre significar com este gesto a total orientação da vida para o PAI, única direcção da nossa vida²⁴. É então só como «filhos» que podemos adorar o «PAI». E o PAI não é uma montanha, um

²² R. H. LIGHTFOOT, *St. John’s Gospel*, Oxford, Oxford University Press, 1956, p. 123.

²³ M. GIAMPICCOLO, *Presenza, ascolto, visione*, p. 170.

²⁴ M. GIAMPICCOLO, *Presenza, ascolto, visione. Adorazione e culto a Dio in prospettiva ecumenica*, Pádua, Messaggero, 1998, p. 169, nota 169; F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 128-129.133; H. SCHÖNWEISS, *proskynêô, adorar, prostrarse*, in L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Vol. III, Salamanca, Sígueme, 1983, p. 222-223.

lugar ou um santuário; é uma pessoa que actua, que chama, que ama²⁵. Note-se bem que o nome «PAI» é introduzido por Jesus, não pela mulher. É Jesus o revelador do rosto paternal de Deus²⁶.

Lendo atentamente a obra lucana, mas esta leitura pode alargar-se a todo o NT e à inteira Escritura dos dois Testamentos, diz bem Alberto Casalegno que o verdadeiro culto «não se realiza num lugar definido, mas na relação vital com uma pessoa»²⁷.

4) Por isso mesmo, a adoração verdadeira não é um movimento espontâneo nosso para um deus-*placebo*, que sirva para satisfazer o nosso ego. A adoração verdadeira só pode brotar em nós como RESPOSTA FILIAL²⁸. A iniciativa é do PAI. O texto diz, de forma estupenda, que é o PAI que «PROCURA» (*zêteî*)²⁹ os seus adorantes (*proskynoûntai*) ou adoradores (*proskynêtaî*) (Jo 4,23)³⁰, sendo que esta última palavra só se encontra aqui, esta única vez, em toda a Escritura³¹.

De resto, a inteira resposta de Jesus abre com o pessoalíssimo apelo à mulher a acreditar nele: «Acredita em mim, mulher» (*písteuê moi, gýnai*) (Jo 4,21), a primeira vez que se ouve este imperativo em todo o Evangelho³². «Em mim», em Jesus, Jesus é o «lugar» novo da verdadeira adoração, o Filho: é assumindo a posição de filho que se adora.

5) Diz muito acertadamente Bruno Maggioni: «De acordo com o vocabulário de João, o Espírito não é uma realidade espiritual que se opõe ao corpo, uma realidade interior que se opõe à realidade exterior. Por conseguinte, o culto no Espírito não é o culto interior, espiritual, individual, em contraposição com o culto exterior e público. O Espírito é a força divina (mas por que não

²⁵ F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 129.

²⁶ B. MAGGIONI, *La brocca dimenticata. I dialoghi di Gesù nel vangelo di Giovanni*, Milão, Vita e Pensiero, 2.^a reimpressão da 1.^a ed. (1992), 2003, p. 56.

²⁷ A. CASALEGNO, *Gesù e il tempio*, p. 204.

²⁸ S. B. MARROW, *The Gospel of John. A reading*, Nova Iorque, Paulist Press, 1995, p. 55.

²⁹ *Zetêô* (procurar) assume aqui o significado forte de quem se esforça e luta para obter, mostrando um Deus que procura o homem com paixão, e se esforça, como que lutando, para o encontrar. B. MAGGIONI, *La brocca dimenticata*, p. 56.

³⁰ M. GIAMPICCOLO, *Presenza, ascolto, visione*, p. 28; K. C. BARRET, *The Gospel according to St. John*, Londres, S. P. C. K., 2.^a ed., 1978, p. 238; T. OKURE, *The Johannine Approach to Mission: A Contextual Study of John 4,1-42*, Tubinga, J. C. B. Mohr, 1988, p. 116; F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, p. 129.

³¹ M. GIAMPICCOLO, *Presenza, ascolto, visione*, p. 28.

³² R. VIGNOLO, *Personaggi del Quarto Vangelo. Figure della fede in San Giovanni*, Milão, Glossa, 1995, p. 165.

chamar-lhe amor?), que levanta o homem da sua impotência, colocando-o no único lugar em que verdadeiramente se encontra o Pai. E este lugar é a Verdade que, para João, é o desígnio salvífico de Deus que se revelou-desvelou-aconteceu em Jesus. Mais concretamente, a verdade é o diálogo de comunhão que une aqueles que acreditam (Jo 17). Desta comunhão, Jesus é a transparência, a manifestação plena e concreta, verificável. Neste sentido, pode verdadeiramente dizer-se que Jesus é a Verdade (*egô eimi... hê alêtheia*) (Jo 14,6). O lugar onde adorar Deus é, então, Jesus»³³. Ele é o templo novo³⁴, «outro (*állos*)³⁵, não feito por mãos humanas» (Mc 14,58), em claro contraponto com o anterior, «feito por mãos humanas», expressão que a polémica judaica reservava aos ídolos «vazios»³⁶.

Neste sentido, Jesus não é apenas o caminho que conduz ao Pai, mas o lugar, o único lugar em que o Pai se nos mostra: «Quem me viu, viu o Pai» (Jo 14,9), diz Jesus a Filipe. De resto, um *e* (*kaí*) epexegetico une, no nosso texto, o Espírito à Verdade (*en pneúmati kaí alêtheía*) – o Espírito, isto é, a Verdade –, logo transformado em genitivo (*tò pneúma tês alêtheías*: o Espírito da Verdade) em Jo 14,17, para vir a toda a luz na Primeira Carta de João: «O Espírito é a Verdade» (*tò pneúma estin hê alêtheia*) (1 Jo 5,6).

Um texto que assinala uma nova direcção no culto.

II. DESAFIOS que o SANTUÁRIO-PESSOA pode fazer ao SANTUÁRIO-ESPAÇO

1. Encontro pessoal, filial, fraternal, de alegria. Encontro marcado pelo PAI. É ELE que nos PROCURA. Toda a oração/adoração verdadeira é em nós resposta desde um filho, desde o FILHO. O SANTUÁRIO-ESPAÇO tem de oferecer/proporcionar este ENCONTRO.

2. O filho que responde, começa por ver e ouvir, receber, acolher. O SANTUÁRIO-ESPAÇO deve ser o lugar, a CASA, não de pedra, mas de intimidade, com a mesa posta e a lareira acesa, que faculte a correcta VISÃO e boa AUDIÇÃO. O IV Evangelho emprega cinco formas

³³ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, p. 106.

³⁴ I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovanna*, Génova, Marietti, 3.^a ed., 1992, p. 75.

³⁵ *Állos* exprime diversidade de número, não apenas de qualidade. G. BIGUZZI, *Io distruggerò questo tempio*, p. 123.

³⁶ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, p. 102.

verbais diferentes para mostrar a progressão do «ver» que conduz à fé³⁷: 1) registra, em primeiro lugar, com o verbo *blépô*, o facto físico de ver simplesmente desde fora alguma coisa ou alguém (Jo 20,1)³⁸; 2) vem, em segundo lugar, o verbo *theôréô*, que significa «observar» com atenção, curiosidade e surpresa, como quem vê atentamente um espectáculo (*theôría*) em movimento, vendo e revendo, em ordem a chegar à fé (2,23; 4,19; 20,6.12.14)³⁹; 3) em terceiro lugar, verifica-se o verbo *theáomai*, que carrega um forte tom intencionalmente contemplativo (cf. Jo 1,14.38)⁴⁰; 4) o verbo que traduz a visão da fé plena é o perfeito do verbo *horáô*, ou seja, *heôraka* (cf. Jo 20,18.25.29), que se traduz por «vi, e continuo a ver»⁴¹; 5) mas deve prestar-se igualmente atenção ao aoristo segundo de *horáô*, que é *eîdon*, infinito *ideîn*, que implica uma visão nova e profunda, para além das aparências, interior, não necessariamente ocular, dado ter a ver com a identidade⁴². No mesmo sentido, e assente na mesma raiz *id*, se situa o verbo *oîda*, conhecer. Não designa, porém, um conhecimento estudado e adquirido – que se diz com o verbo *ginôskô* –, mas um conhecimento directo, recebido (cf. Jo 7,15)⁴³. A boa AUDIÇÃO, expressa com o verbo *akoúô*, faz passar do ouvir físico para a docilidade do coração, de modo a facultar que a Palavra entre e ressoe no coração fiel⁴⁴.

³⁷ E. A. ABBOTT, *Johannine Vocabulary. A Comparison of the Words of the Fourth Gospel with those of the Three*, Londres, Adam & Charles Black, 1905, p. 104-114, n.º 1597-1611; M. A. PHILLIPS, *Faith and Vision in the Fourth Gospel*, in F. L. CROSS (ed.), *Studies in the Fourth Gospel*, Londres, Mowbray, 1957, p. 83-96; C. TRAETS, *Voir Jésus et le Père en Lui selon l'Évangile de Saint Jean*, Roma, Libreria Editrice dell'Università Gregoriana, 1967, p. 34-35, nota 2; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 294-295; J. CABA, *Cristo ora al Padre. Estudio exegetico-teológico de Jn 17*, Madrid, BAC, 2007, p. 505, nota 41.

³⁸ C. TRAETS, *Voir Jésus*, p. 41; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 294; J. CABA, *Cristo ora al Padre*, p. 505, nota 41.

³⁹ C. TRAETS, *Voir Jésus*, p. 37-38 e 41-42; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 294; F. BLANQUART, *Le premier jour (Jn 20)*, Paris, Cerf, 1991, p. 37; R. VIGNOLO, *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 164, nota 269; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo. Rivisitando la figura di Gesù dei Vangeli*, Milão, Ancora, 2001, p. 158; B. MAGGIONI, *La brocca dimenticata*, p. 55; J. CABA, *Cristo ora al Padre*, p. 505, nota 41.

⁴⁰ C. TRAETS, *Voir Jésus*, p. 37-38 e 43-44; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 294-295; B. MAGGIONI, *La brocca dimenticata*, p. 19; J. CABA, *Cristo ora al Padre*, p. 505, nota 41.

⁴¹ C. TRAETS, *Voir Jésus*, p. 45; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 295; J. CABA, *Cristo ora al Padre*, p. 505, nota 41.

⁴² C. TRAETS, *Voir Jésus*, p. 41; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo*, p. 151.

⁴³ E. A. ABBOTT, *Johannine Vocabulary*, p. 120-125, n.º 1621-1629; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 304-315; B. MAGGIONI, *La brocca dimenticata*, p. 60; J. CABA, *Cristo ora al Padre*, p. 232, e nota 158.

⁴⁴ I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, p. 293.

3. A importância do silêncio habitado. O VERBO de Deus não faz vibrar o ar. Não se lhe capta o som. Só lhe captamos o SENTIDO⁴⁵. E o SENTIDO, que se saiba, nunca faz barulho. A PALAVRA de Deus é um som que nunca se ouviu,/ um silêncio que nunca se calou⁴⁶. O SENTIDO tem de correr e escorrer pelo SANTUÁRIO.

4. Um SANTUÁRIO-ESPAÇO cheio de filhos e de irmãos. Sem vendedores e sem mercado. Sem perversão de SENTIDO: em que todos estejam orientados para DEUS, e não para a JOVEM.

5. Um SANTUÁRIO-ESPAÇO sem restrições, sem véu: «CASA de oração para todos os povos». Véu rasgado pelas mãos de Deus. Não costure o homem o que Deus rasgou.

António Couto

⁴⁵ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. Essai de Lecture* (tomo I), Paris, Seuil, 1976 (nova impressão, 2000), p. 130; P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, Paris, Seuil, 1980 [nova impressão, 2001], p. 164.

⁴⁶ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 159.